

Suplemento Cultural

Carlos Drummond de Andrade – o *gauche* no tempo

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA –
ESCRITORA E CRÍTICA DE ARTE

Homenageado ano passado na Feira Internacional de Paraty, Carlos Drummond de Andrade, em seu centenário, teve a obra revisitada e republicada. Impossível não escrever sobre ele, depois que pousei em mim seus olhos de azul profundidade, lembrando-me do quanto sua poesia mudou meu ritmo de vida e o das gerações, que percorreram comigo as avenidas de suas geniais criações.

Recordo-me de uma aula de literatura de Alceu de Amoroso Lima, na PUC/RJ, comentando o poema da pedra de Drummond, que tanta celeuma causou. Foram inúmeras as metáforas geradas na ocasião pelas possibilidades brotadas do tema, desde a frase bíblica “Tu és pedra e sobre esta pedra edificarei minha igreja” em que se fundou a igreja, à escada de Jacó e a tantas outras imagens que até hoje martelam em minha cabeça.

Nascido em Itabira de Mato Dentro, em 1902, Drummond é ligado à paisagem mineira, que germina dentro



Carlos Drummond de Andrade – poeta de alma e ofício, era grande observador da realidade humana

dele como estranha semente, regada pelas chuvas e pelo clima das montanhas. A lembrança do pai marcou-lhe o modo de sentir e de pensar as coisas. Menino ainda, lia as histórias de Robinson Crusó, tão solitário quanto ele. Em 1925 casou-se com a mineira Dolores e, no mesmo ano, entrou para a burocracia. “Tive ouro, tive gado, tive fazendas/ Hoje sou funcionário públi-

“

Drummond foi homem ligado ao tempo, aos mínimos acontecimentos a seu redor. Situado entre os companheiros, sentiu a necessidade de caminhar com eles para entender a si mesmo e ao mundo em que vivia”

co./ Itabira é apenas uma fotografia na Parede/ Mas como dói.”

Aposentado, morou longos anos em Copacabana, cercado pelo cheiro do mar, pelo som remoto e brando das vagas que o envolviam em “eternas exéquias e aleluias”.

A presença de Minas, entretanto,

mais que anseio, foi a calma de que necessitava no conflito permanente, que o impedia de situar-se no universo com tranquilidade. Minas era o claro raio ordenador das coisas. “Espírito de Minas me visita e sobre a confusão desta cidade onde voz e buzina se confundem, lança teu claro raio ordenador.”

Drummond foi homem ligado ao tempo, aos mínimos acontecimentos a seu redor. Situado entre os companheiros, sentiu a necessidade de caminhar com eles para entender a si mesmo e ao mundo em que vivia. No livro ‘A Rosa do Povo’, a realidade penetrou-lhe as entranhas como algo físico, ao proclamar a identificação com o leiteiro, que se levantava cedo para matar a sede do País, com as moças, que gritavam na tempestade do mundo, com os homens pequeninos à beira do rio da América, concitando-os a ir para frente, “recuando de olhos acesos”.

Lutando com palavras, domesticando-as com paciência de um domador de serpentes oriental, apoderou-se do universo, ao transformar os signos gráficos em “terra, palavra espacial, tatura de sonhos, cálculo”.

Considerando-se um poeta brasileiro, não dos maiores “mas dos mais expostos à galhofa”, recusava-se a dar entrevistas, porque não apreendiam seu verdadeiro eu, que deveria ser buscado numa poesia que há mais de meio século vinha encorajando, inspirando gerações, que se sucediam e repetiam: “Não se mate, oh não se mate./ Reserve-se todo para as bodas que ninguém sabe quando virão/ se é que virão”.

Ler Drummond é percorrer a solidão da América, ouvir vozes de sonho, angústia, desespero, mas é também saber que um dia ainda haverá: “Um mundo enfim ordenado/ Uma pátria sem problemas”. Assim é cada obra desse mineiro, que se considerava *gauche*, mas que se comunicava com os homens em palavras que crescem como fogo e explodem até o infinito. Ler Drummond é poder viver em silêncio, na esperança de melhores dias, porque ele nos deu confiança ao nos ensinar que superaremos a morte e triunfaremos um dia como “carinhosos diamantes”. A obra drummondiana eleva, transforma o mundo.

POESIAS

A ÁRVORE

Dentro de mim, ontem,
Nasceu a árvore da vida.

E o meu sol era o SONHO.

E a minha folha, a ESPERANÇA.

A minha água, a HARMONIA.

A PAZ líquida

Do AMOR contente...

... E não frutificou!

Pois veio a seca do EGOÍSMO.

A soalheira da INVEJA.

O granizo do INATINGÍVEL.

A neve da AMBIÇÃO insana.

... O DESEJO a matou!

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

TERRA PARAGUAIA

Nós te queremos muito,
Terra paraguaia!
Pudessem estes meus pobres versos
Exprimir de maneira convincente
A amizade,
Tão pura e tão sincera,
Da gente brasileira
À tua gente!

Sob o mesmo céu
Do mais maravilhoso anil,
O grande rio,
Que liga Paraguai-Brasil,
Simboliza a corrente imensa
De ideal e afeição,
Unindo dois povos diferentes,
Pelo coração.
Em ti confio, terra paraguaia,
Porque te quero tanto!...
Porque ao ver tua linda bandeira,
Sinto estranha emoção...
– Sou brasileira,
Mas meu pai,
Que tanto quis, era teu filho
E te amava tanto – Paraguai!

OLIVA ENCISO

CAMINHOS DO MUNDO

ELIZABETH FONSECA

Caminho sem rumo no desconhecido mundo. Há momentos em que o silêncio perdura profundamente, atinge minha alma numa mística sensação de solidão e paz. Meus pensamentos viajam mais do que eu. Quando percebo, estou imaginando um mundo de bondade entre homens da Terra, onde doar é mais do que receber; um mundo de abnegação e que por compensação o sorriso nos lábios das pessoas a transportariam numa imensurável felicidade.

Olho para o sol. Ele se parece mais com uma fogueira de São João; então, concluo: o ‘calor humano’ é uma festa de alegria.

Olho nas montanhas e vejo nelas a sua história – tão velhas, que trazem marcas profundas, mas que são belas como nunca; sim, porque o homem, a ‘alma’ é mais bela na velhice.

As folhas tremulam na árvore, quando o vento passou soprando tudo; elas persistem em seus ga-

lhos, porque era apenas um pequeno teste da sua rigidez. Todas as folhas continuam a se agitar; mas, para elas, isto é apenas um beijo; ah! se as pessoas encarassem as pequenas dificuldades assim! Não haveria tanto sofrimento no mundo.

Agora, meus pensamentos estão presos aos meus passos e eles não querem parar; para trás ficaram os rastros que, com certeza, logo serão apagados, porque neste mesmo espaço outras pessoas irão passar e não somos donos de nada, a não ser de nós mesmos.

O barulho de meus passos me desperta e vejo que estou quase na metade e a beleza do amor nunca me deixou solitária.

Também não é possível andar tanto sem descansar. Acolho-me ao tronco de uma árvore seca, mas que ainda se serve ao mundo, então deixo de lado estes pensamentos para pensar porque não é possível chegar até lá. Ah! Meus pensamentos!... pensamentos!... A mente quando se cansa busca outras coisas a pensar.

Pensar e sonhar são buscas para mudar.

A Poesia de Rubenio Marcelo

PAULO NOLASCO – MEMBRO DA
ASL E PROFESSOR DE TEORIA LITE-
RÁRIA E LITERATURA COMPARADA
NA UFGD

O escritor Rubenio Marcelo recentemente publicou ‘*Veieiros da Essência – 80 poemas escolhidos*’ (Life Editora, 2014, 192p.), que releio com prazer procurando perscrutar esses textos: muitos inéditos e outros “selecionados” no conjunto, hoje já bem expressivo, dos demais livros deste Autor, que é atualmente o secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Assim, agindo comparativamente, sou levado a verificar aspectos do livro como um todo, desde a edição, o prefácio, o posfácio, a fortuna crítica, enfim, na sintonia desses elementos denominados genericamente (pelos especialistas do assunto) de “paratextos editoriais”. Primeiro que, visto deste ângulo, a trajetória artística do singular poeta Rubenio Marcelo redimensiona-se ao longo do tempo, e assim justifica e torna necessária a sua apreciação, uma vez que sua caracterização maior é a projeção de um traço lírico cujos versos (dosados de metáforas e imagens) ganham relevo em

palavras, linhas suavizadas e soltas como o voo de um pássaro sem plumas.

Em verdade, o novo livro de Rubenio parece (e realmente pode) dizer muito mais. Pois, afora tratar-se de uma seleção autoral, sinaliza para a obra completa de um poeta com outros tantos títulos publicados. Os aspectos da primorosa qualidade desta publicação apoiada pelo FMIC, aliados a um título bem sugestivo, *Veieiros da Essência*, condizem com toda a abalizada análise que resulta do tópico intitulado “o autor e a crítica” (p.174-188), além dos prestigiosos textos de “Apresentação” de Raquel Naveira, do “Prefácio” de José Fernandes, e do “Posfácio” de J. P. Frazão. Com efeito, o livro é praticamente uma celebração da profícua produção e carreira de Rubenio Marcelo como poeta/escritor e paletante renomado (além de compositor e revisor). Por tudo isto, ele mereceu (e merece) incontáveis aplausos em sua trajetória como intelectual das letras e membro efetivo da ASL.

De resto, é de se esperar que sua obra seja acolhida em estudos mais aprofundados, onde a teoria e a crítica literárias possam situá-la em condizente estante da aplaudida produção poética brasilei-

ra contemporânea, de modo particular para que a escrita de Rubenio Marcelo se revele com distinção, diversa da copiosa produção que hoje grassa – em forma de lamúrias, chorinhos, e coisas tais – num mercado (denominado) de “produções literárias”, dentre as quais, inúmeras delas dispensariam nossa atenção e precioso tempo de leitura. A avalanche de publicações sem critérios artísticos (carentes de ideias e criatividade literárias) leva o leitor de hoje a deparar-se com alternativas radicais: ou seleciona valorizando pela inovação da linguagem literária, pelo projeto artístico; ou despreza o objeto livro pela ausência desses elementos, e, pior, pela constatação de que a mesmice e as lamuriões e humores (que frequentemente temos de ler) não valem realmente “a pena / uma pena” – quer dizer, há muita subjetividade ‘andando’ por aí. E em matéria de legítima poesia, como sabemos, a “essência” não provém de baunilha, provém sim de vida e ressuscitamento da palavra poética, como, neste caso, bem faz Rubenio Marcelo na sua obra – assim como nos exemplos luminosos que releio agora nos seus versos de “Elegia a Freddie Mercury” e “Canção para Coralina”, poemas estampados às páginas 84 e 146 do seu *Veieiros da Essência*.

Crônica com um amigo

HENRIQUE DE MEDEIROS

Estou nas escuras pistas do aterro, nessas seis horas de fim de dia. São horas gagentas, horas de rush, horas do desaperto da gravata (de quem as usa). Da janela direita do meu carro admiro, no fim do arco de uma passarela e ao fundo dos campos de pelada, o iluminado edifício da Bloch, tradicional abrigo de jornalistas desconhecidos. Algumas dessas luzes fluorescentes, dezenas vistas daqui, todas empilhadas em andares, devem estar iluminando a máquina de escrever e um papel datilografado com uma imagem metafórica qualquer de um grande amigo meu, Dênis de Moraes. É isso aí, parceiro: você aí, e eu nesse big trânsito a me irritar.

Pela hora, acredito até que já esteja abandonando a redação e se dirigindo ao ponto da condução. Se raciocinasse melhor na Avenida Rio Branco, teria tomado a pista de dentro, pela Glória, e dado uma carona a ele. Mas talvez tenha sido razoável o trajeto processado: no ônibus, o Dênis é um grande observador do mundo, tudo acontece à sua frente, do mediocre ao ato revelador de personagens, e como ele aproveita essas chances muito bem, não lhe faz falta outro tipo de condução nesses dias

de hoje. Me desculparei com ele dentro em pouco, quando, provavelmente, iremos trocar algumas palavras no quase diário telefonema das sete, sete e meia. Nele, discutiremos a morte do futebol, o homem insepulto, a mulher que não nasceu, o existencialismo e a bulinagem. Xingaremos também os incompetentes.

Mas é incrível como estou vendo o bairro do Flamengo como o vi certa vez numa feliz crônica do instável José Carlos Oliveira (o verdadeiro alienado vive o real), em meio a esse acender de luzes frias (antigos lampiões). Outra vez? Não tem nada, mesmo o ritual de atropelamento na Praia de Botafogo não vai me estragar o dia. É normal. Sabe, com todos esses mutilados entrando no Miguel Couto, com o Nelson Rodrigues acabando de apodrecer mais um personagem, eu só posso estar é em Copa, em casa, na minha escrivaninha, comendo alguma coisa e escrevendo sensações.

É, Dênis, a ilusão da vida é grande. As desilusões jornalísticas, muitas. E, sabe de uma coisa, apesar da atual profusão, os poemas são poucos para os instantes do mundo. Raros são os que conseguem captar o importante. Você é capaz de ver aquele mendigo aquecendo uma espécie de marmita debaixo do viaduto da Central? Eu sei muito bem que lá não

tem viaduto nenhum, mas a Central é sangrenta o bastante para a imagem.

É. Eu nada faço agora. Deixe-me lembrar quais as novidades para já, já. Nada de especial, mesmo. O teatro, o cinema, a música, os sonhos, as maresias e os porres. E, como não podia deixar de ser, exaltaremos nosso desapontamento não com a vida, mas sim com os ditos viventes. Concordo plenamente que os espectadores desse palco, como nós, deveriam ser pagos para apreciá-lo.

Rapaz, como essa cadeira na qual meu pai já sentou um dia está incômoda hoje! Mas, afinal de contas, alguma novidade? Não, bicho, nada de novo. As mesmas notícias de sempre das primeiras páginas dos jornais de amanhã, as velhas artes recentemente disfarçadas para o consumo, o ocioso acomodamento geral.

E em meio a essas batidas de teclas toca a campainha telefônica, nessas sete e meia de princípio de noite. Peço licença. Ou é um corpo de mulher que se apresenta (elas só me ligam a essa hora), ou é o ex-poeta, hoje romancista, amanhã sei lá o quê da língua portuguesa. Vamos ver. Aguarda só um instante, ô Dênis, que eu estou acabando rapidamente aqui. Já estou atendendo... Hoje, eu posso falar de uma crônica onde pude utilizar o nome de um imortal amigo, uma dessas pessoas que não se fabricam mais nesse mundo, não é, ô Dênis? Alô?